



17 RAPARIGAS

De **Delphine Coulin e Muriel Coulin**

Com Louise Grinberg, Juliette Darche,
Roxane Duran (França)

Drama M/12

ESTREIA Sete anos após a sua estreia em Cannes, chega às salas portuguesas a primeira longa das irmãs Coulin. Nela, encontramos a dramatização de uma história verídica que, tendo embora ocorrido numa cidade de Massachusetts (a de Gloucester), é aqui transplantada para o norte de França. Que história é essa? A de dezassete raparigas de dezassete anos de um mesmo liceu que, de sua livre vontade, decidem engravidar ao mesmo tempo. Neste quadro, a primeira coisa notável é o modo como as cineastas se esforçam — mesmo que somente a espaços — por articular o drama com uma geografia: a da cidade piscatória de Lorient, cuja paisagem decadente oferece ao filme uma pista de leitura que nunca será plenamente desenvolvida. Percebe-se: o que mais lhe interessa é lançar para cima da mesa a questão da gravidez na adolescência. Para fazê-lo, o filme compõe o retrato naturalista de um bando de raparigas que — com muita ingenuidade — julgam descobrir naquele gesto uma forma de se rebelarem coletivamente contra o futuro que se encontra prefigurado nas existências dos seus pais: um grupo de figuras indistintas da classe média, que vivem algemadas a empregos pouco gratificantes. “17 Raparigas” aborda o seu tema de uma maneira despretensiosa (abrangendo frontalmente o ponto de vista *naïve* das personagens), mas peca ao nível da construção dos diálogos, que se deixam amiúde trair pela necessidade de enunciarem problemas. Ficamos então com a sensação de estarmos a assistir a uma coisa que foi mais escrita do que vivida, o que anula o efeito de proximidade que se procura obter.

/ VASCO BAPTISTA MARQUES